DIÁSPORA E IDENTIDADE CULTURAL NA LITERATURA DE GRACE NICHOLS

DIASPORA AND CULTURAL IDENTITY IN GRACE NICHOLS' LITERATURE

Luciana de Mesquita Silva*

RESUMO: A condição do sujeito diaspórico levanta questões que envolvem, ao mesmo tempo, a relação do migrante com sua terra natal e com seu novo lar e a consequente busca por sua identidade cultural. No presente artigo, procuramos verificar de que forma essa temática é abordada por Grace Nichols, escritora de origem guianense que vive na Inglaterra, em sua literatura, especificamente no que diz respeito aos poemas "Island man" (1984) e "Wherever I hang" (1989).

Palavras-chave: diáspora; identidade cultural; Grace Nichols; "Island man"; "Wherever I hang".

ABSTRACT: The diasporic subject's condition raises questions that involve, at the same time, the relation of the migrant with his/her homeland and with his/her new home and the consequent search for his/her cultural identity. In the present article, we intend to verify in which way this theme is tackled by Grace Nichols, who was born in Guiana but lives in England, in her literature, especially concerning the poems "Island man" (1984) and "Wherever I hang" (1989).

Keywords: diaspora; cultural identity; Grace Nichols; "Island man"; "Wherever I hang".

As questões que se debruçam no deslocamento de um sujeito de seu lugar de origem têm se mostrado como foco de reflexão por parte de diversos teóricos, críticos e escritores na contemporaneidade. Frequentemente abrem-se discussões em torno do indivíduo em diáspora, o qual vivencia a complexidade de se relacionar simultaneamente com sua terra natal e com seu novo lar, revelando consequentemente, uma busca por sua identidade cultural.

James Clifford, no texto "Diasporas" (1994), levanta os seguintes questionamentos: Como os discursos inseridos no campo da diáspora representam experiências de deslocamento, de construção de lares fora do lar? Que experiências eles rejeitam, substituem ou marginalizam? Tais pensamentos nos conduzem a enxergar de uma maneira crítica as variadas formas de diáspora, que, nos tempos atuais, adqui-

* Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRF) e professora do CEFET/RJ – UnED Petrópolis. E-mail: lusincera@yahoo.com.br.

rem um sentido mais amplo ao estarem ligadas, de alguma forma, a vocábulos como "imigrante", "minoria" e "comunidade étnica".

Segundo o autor, algumas especificidades evidenciam a complexidade do termo "diáspora": ao mesmo tempo em que se vincula a transnacionalidade e movimento desvela uma busca política para definir o local, a comunidade na diferença, nos contextos históricos de deslocamento. Nesse sentido, nas palavras de Clifford, "as culturas da diáspora, assim, medeiam, em uma tensão vivenciada, as experiências de separação e entrelaçamento, de viver aqui e lembrar/desejar outro lugar" (CLIFFORD, 1998, p. 255, tradução nossa[1]). Além disso, ao se teorizar sobre diáspora, é necessário considerar as questões raciais, de classe e de gênero, intrínsecas à estrutura da sociedade nos dias de hoje.

A observação de Clifford sobre a experiência diaspórica como um processo em constante tensão também encontra espaço na visão de Avtar Brah. Em seu artigo "Diaspora, border and transnational identities" (1996), a autora ilumina alguns aspectos referentes aos movimentos de massa, os quais entraram em uma nova fase no século XXI. Com um crescimento considerável, eles têm ocorrido nas mais diversas direções e por diferentes motivos. Esse cenário, em que o segmento de migrações feitas por mulheres ganha destaque, contribui para a formação de novas diásporas. Para Brah, nem todas as diásporas pressupõem uma ideologia de retorno: "o conceito de diáspora oferece uma crítica dos discursos de origens fixas, ao mesmo tempo em que leva em conta um desejo pelo lar [homing desire] que não é a mesma coisa que desejo de uma 'terra natal' [homeland]" (BRAH, 1996, p. 180, tradução nossa[2]). Brah prossegue sua argumentação mostrando que o espaço da diáspora é marcado pelo desafio aos binarismos, uma vez que nessa conjuntura "[...] fronteiras entre inclusão e exclusão, de pertencimento e outridade, de 'nós' e 'eles' são contestadas" (BRAH, 1996, p. 209, tradução nossa[3]).

Estar em diáspora, portanto, significa questionar a busca por um passado glorioso, por tradições e costumes puros e, sobretudo, por uma identidade estável e pré-estabelecida. Tal reconfiguração do sujeito na sociedade é discutido por Stuart Hall. Na visão do intelectual em questão, as identidades se relacionam às diferentes formas de se posicionar diante do passado. Os sujeitos que buscam recuperar a pureza anterior revelando um sentimento de unidade que teria sido perdido são ligados à idéia de Tradição. Por outro lado, a construção de identidades é um processo em constante movimento: "As identidades culturais vêm de algum lugar, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, elas passam por constante transformação.

[1] Texto original: "Diaspora cultures thus mediate, in a lived tension, the experiences of separation and entanglement, of living here and remembering/desiring another place" (CLIFFORD, 1998, p. 255).

[2] Texto original: "The concept of diaspora offers a critique of discourses of fixed origins, while taking account of a homing desire which is not the same thing as desire for a 'homeland'" (BRAH, 1996, p. 180).

[3] Texto original: "[…] boundaries of inclusion and exclusion, of belonging and otherness, of 'us' and 'them', are contested" (BRAH, 1996, p. 209).

Longe de estarem eternamente fixas em algum passado essencializado, elas estão sujeitas ao jogo contínuo de história, cultura e poder" (HALL, 1990, p. 236, tradução nossa[4]). Dessa forma, os confortos da Tradição são desafiados pelas novas configurações propostas pela Tradução.

No mundo globalizado, as culturas nacionais têm sido suprimidas pelas culturas em cruzamento. Nesse contexto se misturam valores, costumes e narrativas, os quais têm papel preponderante na constante transição das identidades entre distintas posições. De acordo com Hall, "as pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural 'perdida' ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas" (HALL, 2004, p. 89).

A experiência diaspórica contrapõe as concepções de essência e pureza ao enfatizar a heterogeneidade, a diferença. Na mesma linha de pensamento de Hall, encontra-se Homi Bhabha, que, em *O local da cultura* (1998), aponta para o surgimento de hibridismos culturais em momentos de transformação histórica, os quais contribuem para a idéia do novo não como continuidade do passado e do presente. O novo, nessa conjuntura de diversidade, seria produto de um ato insurgente de tradução cultural: "Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, reconfigurando-o como um entre-lugar contingente, que inova e interrompe a atuação do presente" (BHABHA, 1998, p. 27). Diante de tais condições híbridas na sociedade contemporânea, Bhabha propõe que a literatura mundial, tradicionalmente voltada a questões nacionais, abra espaço para histórias transnacionais de indivíduos em diáspora.

Carole Boyce Davies, em *Black women, writing and identity* (1994) repousa seu olhar sobre a arte produzida por mulheres negras em situações de migração. Especificamente no que tange à escrita inserida no contexto do território britânico, Davies utiliza o termo "uprising textualities", em tradução livre – textualidades que se revoltam, que ascendem – para fazer referência a obras que visam a questionar padrões e valores hegemônicos vigentes: "É uma nova resistência ao imperialismo que rejeita fronteiras coloniais, sistemas, separações, ideologias, estruturas de dominação" (DAVIES, 1994, p. 108, tradução nossa[5]).

Caracterizados pela criatividade, os textos de mulheres negras que escrevem a partir da Grã-Bretanha desestabilizam os paradigmas estabelecidos por homens, pela sociedade branca e pelo cânone literário. Ao desafiarem os discursos dominantes, elas não só abrem espaço para vozes antes silenciadas ou relegadas à marginalidade, mas também contribuem para a visibilidade de uma escrita que revela as novas configurações de subjetividades. Entre essas autoras encontram-se Stefanie George, Barbara

[4] Texto original: "Cultural identities come from somewhere, have histories. But, like everything which is historical, they undergo constant transformation. Far from being eternally fixed in some essencialized past, they are subject to the continuous play of history, culture, power" (HALL, 1990, p. 236).

[5] Texto original: "It is a new resistance to imperialism which eschews colonial borders, systems, separations, ideologies, structures of domination" (DAVIES, 1994, p. 108).

Burford, Sister Netifa e Grace Nichols, sobre a qual desenvolveremos as considerações a seguir.

Nichols nasceu na Guiana em 1950, no vilarejo de Highdam, situado no litoral do país. Na escola em que estudou durante a infância, seu pai era diretor e sua mãe ministrava aulas de piano. Na idade de oito anos, Nichols acompanhou a mudança da família para a capital do país, Georgetown, onde ela, algum tempo depois, obteve o diploma em Comunicação pela Universidade da Guiana. Ao longo do período acadêmico, ela se interessou por peculiaridades do folclore nacional, mitos ameríndios e aspectos relacionados às civilizações Inca e Asteca. Tais elementos, característicos da cultura local, revelam-se como importantes fontes para a construção de suas obras. Além de se dedicar à formação superior, Nichols trabalhou como professora e jornalista em seu país antes de se mudar para a Inglaterra no ano de 1977. Casada com o escritor John Agard, Nichols desenvolveu sua carreira literária produzindo, nesse novo contexto, obras que incluem romance, textos destinados ao público infantil e poesia.

Nichols apresenta uma visão politicamente engajada ao revelar em sua produção matizes que envolvem questões de raça, classe, gênero e linguagem. Em seu primeiro e único romance - *Whole of a morning sky* (1986) - cuja história se passa na década de 60 do século XX, a autora traz passagens relativas à luta da Guiana pela conquista de sua independência. Quanto à literatura infantil, Nichols surpreende os leitores com histórias inspiradas no folclore e nas lendas indígenas vinculadas ao contexto caribenho. Nesse conjunto estão presentes *Come on into my tropical garden* (1988) e *Give yourself a hug* (1994), entre outros.

No campo da poesia, sua primeira coletânea de poemas – *I is a long memoried woman* (1983) – chama a atenção pelo título, ao desafiar a estrutura do inglês-padrão. Nesse livro, a autora aborda a história de perdas e traumas de uma jovem mulher africana, a qual foi retirada à força de sua terra nativa e transportada para o Caribe como escrava. Com essa produção, Nichols recebeu o Commonwealth Poetry Prize, além de ter sua obra adaptada para o cinema.

Em 1984, foi lançado *The fat black woman's poems*, cujas idéias presentes no título – ser mulher, ser negra e ser gorda – demonstram um questionamento dos padrões estéticos estabelecidos. Podemos sugerir que, nessa obra, torna-se evidente uma conexão do trabalho de Nichols com o termo "uprising textuality", de Davies. Através da literatura, escritoras negras que, como Nichols, escrevem a partir do contexto britânico, "criam espaços diferentes para a obra de mulheres ou para mulheres que falam de fora de fronteiras determinadas, que permanecem fora de alguns discursos dominantes" (DAVIES, 1994, p. 112, tradução nossa[6]).

Na reunião de poemas mencionada, outras temáticas são abordadas. Uma delas tange a condição do sujeito diaspórico, ao trazer à luz a figura de um homem de origem caribenha que vive em Londres e acorda com o barulho do mar. Tal episódio se apresenta em "Island Man":

[6] Texto original: "[…] they create different spaces for women's work or for women speaking outside the given boundaries, standing outside some of the dominant discourses" (DAVIES, 1994, p. 112).

Morning
And the Island man wakes up
To the sound of blue surf
In his head
The steady breaking and wombing

Wild seabirds
And fisherman puling out to sea
The sun surfacing defiantly

From the east
Of his small emerald island
He always comes back groggily groggily

Comes back to sands
Of a grey metallic soar
To surge of wheels
To dull North Circular roar

Muffling muffling
His crumpled pillow waves
Island man heaves himself

Another London day
(NICHOLS, 1984, p. 29).

No poema, lê-se que é manhã e o homem ouve mentalmente o barulho do mar enquanto desperta. Nesse cenário, também estão presentes pássaros selvagens ("wild seabirds") e pescador ("fisherman"). Mas é o sol o elemento que se destaca, uma vez que nasce de forma desafiante, insolente – "The sun surfacing defiantly". Tal passagem sugere um contraste do clima quente do Caribe com o característico de Londres.

O ambiente colorido e belo presente no sonho do eu-lírico se esvai pouco a pouco, porquanto ele acorda tonto, embriagado – "He always comes back groggily groggily". A repetição do vocábulo "groggily" aponta para a idéia de que há uma resistência, uma lentidão ao despertar.

Nesse momento, há uma nova referência a elementos naturais a partir da palavra "areia" ("sands"). No entanto, trata-se de uma metáfora, já que a mesma é marcada pelo "grey metallic soar". Logo, a realidade se mostra bem diferente do contexto onírico – os sons do mar se transformaram nos sons do trânsito londrino ("surge of wheels", "dull North Circular roar").

Mais uma vez sugere-se uma tentativa de distanciamento do mundo concreto – Londres – a partir da repetição da palavra "muffling": é como se o eu-lírico desejasse abafar o som da cidade caótica e, com isso, esquecer momentaneamente o lugar em que estava. O trecho "crumpled pillow waves" remete às imagens do mar, presentes no início do poema.

Finalmente, a maneira como o homem se levanta da cama - "Island man heaves himself" – arquejando, lançando seu corpo para fora dela, passa a impressão de que ele parece não querer acordar de seu sonho – a ilha caribenha – e ter que encarar a realidade de seu novo lar, vivendo "Another London day".

A temática da migração, trabalhada em "Island Man", evidencia a complexidade da experiência do sujeito diaspórico. Tal condição também é abordada no poema "Wherever I hang", publicado na obra *Lazy thoughts of a lazy woman* (1989):

I leave me people, me land, me home
For reasons I not too sure
I forsake de sun
And de humming-bird splendour
Had big rats in de floorboard
So I pick up me new-world-self
And come to this place call England
At first I feeling like I in a dream -
De misty greyness
I touching the walls to see if they real
They solid to de seam
And de people pouring from de underground system
Like beans
And when I look up to de sky
I see Lord Nelson high - too high to lie.
And is so I sending home photos of myself
Among de pigeons and de snow
And is so I warding off de cold
And is so, little by little
I begin to change my calypso ways
Never visiting nobody
Before giving them clear warning
And waiting me turn in queue
Now, after all this time
I get accustom to de English life
But I still miss back-home side
To tell you de truth
I don't know really where I belaang
Yes, divided to de ocean

Divided to de bone
Wherever I hang me knickers - that's my home
(NICHOLS, 1989, p. 10).

No texto em questão, o eu-lírico dá início à sua trajetória ao focalizar o deslocamento de sua terra natal motivado por razões não muito claras – "I leave me people, me land, me home / For reasons I not too sure". Tal processo é marcado pela saudade, simultaneamente, de imagens belas como as "de sun" e "de humming-bird splendour" e de elementos que revelam aspectos não muito agradáveis: "big rats in de floorboard". Nesse diferente contexto – "this place call England" – a voz poética se admira, inicialmente, com especificidades locais como o clima – "de misty greyness", "de snow", "de cold" – o movimento de pessoas e o sistema de transporte - "de people pouring from de underground system like beans" e até mesmo a figura heróica e símbolo nacional de "Lord Nelson". Com o passar do tempo, "little by little", tal encantamento inicial se transforma em adaptação ao novo universo: o eu-lírico muda seus "calypso ways" para assimilar costumes e valores ingleses: "Never visiting nobody/ Before giving them clear warning" e "turn in queue". O poema prossegue revelando um sujeito em busca de sua identidade – "I don't know where I belaang" – já que se mostra dividido "to de ocean", "to de bone". Por fim, a voz sugestivamente feminina continua procurando delinear seu lugar de pertencimento ao apresentar a seguinte declaração: "Wherever I hang me knickers - that's my home".

No poema mencionado, Nichols reflete as tensões envolvidas no processo diásporico: a nostalgia com relação ao lar, a adequação a um novo contexto e, sobretudo, a constante construção e desconstrução de identidade. O indivíduo migrante transita entre as lembranças de seu lugar de origem e a realidade à qual passa estar sujeito. Na visão de Clifford, a experiência feminina apresenta peculiaridades nesse sentido: "[...] as mulheres da diáspora estão posicionadas entre patriarcados, passados ambíguos e futuros. Elas conectam e desconectam, esquecem e lembram, de maneiras complexas e estratégicas" (CLIFFORD, 1998, p. 259, tradução nossa[7]).

Tal particularidade pode ser observada no poema não só nas imagens que ele revela, mas também na forma como é construído especialmente no tocante à linguagem. Desde o início, percebe-se uma desestruturação do inglês padrão tanto estruturalmente – "me people", "me home", "call England" – quanto graficamente – "de pigeons", "belaang" – a partir do uso de elementos de um dialeto crioulo. Essa mistura de variantes surge de modo mais evidente no último verso, a partir das estruturas "me knickers" e "my home", as quais ilustram o entre-lugar em que o indivíduo migrante está inserido. Além disso, esse verso pode ser visto como uma releitura do trecho de uma música muito conhecida no Reino Unido – "Wherever I

[7] Texto original: "[…] diaspora women are caught between patriarchies, ambiguous pasts, and futures. They connect and disconnect, forget and remember, in complex, strategic ways" (CLIFFORD, 1998, p. 259).

hang my hat – that's my home" – gravada por vocalistas masculinos entre os quais se destaca Paul Young. Ao trazer à superfície o elemento "knickers", além de desafiar o sistema padrão da língua inglesa, Nichols oferece voz a uma identidade feminina caracterizada por sua natureza diaspórica.

A escolha de tais recursos estilísticos se complementa à tensão entre dois universos sentida pelo eu-poético. Ao mesmo tempo, verifica-se a intenção de marcar a presença desse sujeito na diferença. Essa característica é comentada por Hall, ao citar o seguinte trecho de autoria de Kobena Mercer: "[...] a força subversiva dessa tendência hibridizante é mais aparente no nível da linguagem em si, onde crioulos, patois e black English decentram, desestabilizam e carnavalizam a dominação linguística do inglês – a língua-nação do discurso-mestre" (MERCER apud HALL, 1990, p. 245, tradução nossa[8]).

Portanto, a literatura de Grace Nichols revela-se como um importante arcabouço para discussões em torno dos diversos aspectos inseridos no universo diaspórico. Os poemas "Island Man" e "Wherever I hang" ilustram, a partir de seus versos e de suas formas, o enredamento existente na construção da identidade do indivíduo migrante. Ao se encontrar em um novo contexto, ele cria um desejo pela terra natal, cuja imagem está cristalizada de maneira particular, resultado de sua condição de deslocamento.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

DAVIES, Carole Boyce. *Black women, writing and identity*. New York: Routledge, 1994.

BRAH, Avtar. Diaspora, border and transnational identities. In: _____. *Cartographies of diaspora*: contesting identities. London: Routledge, 1996. p. 178-210.

CLIFFORD, James. Diasporas. In: _____. *Routes*: Travel and Translation in the late Twentieth Century. Cambridge: Mass & London; England: Harvard University Press, 1997. p. 244-277.

HALL, Stuart. Cultural identity and diáspora. In: RUTHERFORD, I. (org.). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990. p. 233-246.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

NICHOLS, Grace. Island man. In: _____. *The fat black woman's poems*. London: Virago Press, 1984. p. 29.

_____. Wherever I hang. In: _____. *Lazy thoughts of a lazy woman*. London: Virago Press, 1989. p. 10.

[8] Texto original: "[…] the subversive force of this hybridizing tendency is most apparent at the level of language itself where creoles, patois and black English decenter, destabilize and carnavalize the linguistic domination of English – the nation-language of master-discourse" (MERCER apud HALL, 1990, p. 245).